



O AMIGO DO POVO

PERIODICO QUINZENAL

Assinatura: 12 numeros 2\$000 ✕ Correspondencia: Manuel Moscoso, Rua Bento Pires 35-S. PAULO (Brasil) ✕ Subscrição Voluntaria Permanente

Numero 41

S. PAULO (Brasil), 27 DE DEZEMBRO DE 1903

ANNO II

Soma e segue

O caso Scarpa foi enterrado: um inquerito-poeira-aos-olhos que nada provou nem explicou e... passemos adiante, que estamos com pressa.

O patriotismo (e hipocrita) meteu-se na historia: dum lado gritaram e barafustaram jornais «italianos» do outro jornais «brasileiros» disseram-se indignados... pela ingratidão daqueles! De modo que o que estava menos em cena era o caso Scarpa e a defesa de nós todos.

Alguns jornais elevaram-se acima dessas mesquinhas; mas nenhum soube encarar a questão pelo seu verdadeiro lado.

Mostraram-no, per exemplo, pedindo a intervenção do consul italiano, sem notar que isso, longe de resolver a questão, viria agrava-la, desviando-a e escurecendo-a de odios patrióticos. Não é a autoridades, brasileiras ou italianas, que se deve recorrer. Desde que os prepotentes não sintam contra a sua obra a opinião, brasileira e italiana, não de rir gostosamente dos protestos consulares e das indenizações (que, para mais, saem do bolso do povo e têm destino duvidoso...)

Trata-se de recorrer, sim, á acção directa dos que se sentem solidarios e... ameaçados; trata-se duma obra dos que têm interesse em se defender contra prepotencias, que, encontrando passagem livre, seguem o seu caminho triunfantes, esmagando hoje o Scarpa e amanhã «outro»: nós, por exemplo, ou tu, caro vizinho...

E assim ao Scarpa, no espaço de poucos dias, seguiram-se «quatro» casos mais, dois nesta cidade, sob a alçada de diferentes inquisidores (o mal não está neste ou naquele policia, está na propria instituição policia) e dois no interior, onde um «brasileiro» morreu em consequencia da sova recebida.

Ajuntando a isto a agressão contra dois jornalistas praticada pelos filhos dum potentado, mais as manobras da policia secreta ao mando dum «célebre», podemos dizer que vamos de vento em popa... em quanto assim o quisermos!

Em vez de invectivar a republica, era melhor que nos dedicássemos a formar uma resistencia popular — contra todos os governos, igualmente maus.

Manifesto aos anarquistas

DE TODOS OS PAISES

Num jornal anarquista lemos o seguinte manifesto:

Camaradas:

Sob as denominações de individualismo, naturismo, individualismo libertario, reformismo, socialismo libertario e cristianismo anarquista, sobrevieram divisões profundas e que parecem inconciliaveis, no anarquismo tal como foi concebido primitivamente e durante numerosos anos.

São essas seitas susceptiveis de associar os seus esforços sobre uma base nova do anarquismo, ou estão destinadas a combater-se mutuamente para o maior prejuizo da acção comum?

Impô-se uma intelligencia.

Convido-vos, pois sem distincção de opiniões, a um Congresso por escrito, cujo organ será *Le Libertaire*, de Paris. Não julguei inutil convidar a responder a este questionario um certo numero de personalidades que, sem adoptar as theorias do anarquismo, se interessaram pelas suas manifestações.

Sendo cada qual unicamente responsavel pelos seus escritos, atenderemos a todas as iniciativas. *Le Libertaire* abster-se-á sómente de publicar as respostas que possam conter injurias ou alusões pessoais malévolas. Pedimos que se responda do modo mais conciso possivel ao questionario seguinte e que, abandonando a critica dos adversarios, desinvolva cada um, sobretudo, a tese que lhe seja pessoal.

I.—Que entendeis por anarquia?

II.—Qual o vosso ideal quanto á sociedade futura e qual deve ser, na vossa opinião, a sociedade de amanhã?

III.—Quaes são, segundo o vosso parecer, as modificações successivas que a sociedade sofrerá para chegar a esse ponto?

IV.—Quats são os meios que considerais melhores para apressar o advento do estado social que preconizais? Se sois partidarios das reformas, quais são as que credes poder obter e quais os meios de acção para chegar a esse fim?

V.—Considerais possivel uma aliança no terreno da filosofia e no da acção entre os diversos agrupamentos de que falámos, e, em caso afirmativo, qual pode ser a base?

VI.—Pensais que possa existir uma aliança analoga entre as diversas fracções do socialismo?

VII.—Se estais afastados do anarquismo, depois de terdes estado a eleaderidos, quais as razões que vos fizeram abandonar o anarquismo?

VIII.—Qual é, a vosso ver, a conduta individual que, na actual sociedade, está mais conforme com vossas theorias?

IX.—Qual é, na vossa opinião, a situação actual do anarquismo, qual tem sido a sua obra e que futuro lhe julgais reservado? (Segue-se uma longa lista de escritores e agitadores, quasi todos anarquistas, especialmente convidados a responder a este questionario.)

Peço aos jornais e revistas de todas as linguas que se interessam pelo movimento anarquista que queiram reproduzir o meu apelo.

Todas as respostas a Jean Marestan, redacção de *Le Libertaire*, rue d'Orsel, 15, Paris (XVIII).

J. M.

Rifa em beneficio de (O Amigo do Povo) e da sua biblioteca

Acham-se já em circulação os cartões da rifa annunciada no nosso numero passado.

Recomendamos calorosamente a sua venda a todos os companheiros e amigos que sympathizam com a propaganda feita por esta folha. Pedimos tambem que nos enviem algum objecto ou livro para ajuntar á lista dos que já temos em nosso poder e para fazer assim com que a rifa resulte atraente e simpatica a todos. Tudo o que se fizer, muito ou pouco, será em exclusivo beneficio da propaganda.

Numa das reuniões do grupo editor, decidiu-se ampliar o caracter da rifa, isto é, destinar o seu produto tanto ao periodico como aos folhetos editados pela biblioteca de «O Amigo do Povo».

Os companheiros do interior que não tenham recebido cartões da rifa e desejem vender alguns, peçam-nos á nossa administração.

A lista dos premios recolhidos até á data será publicada no proximo numero.

Aos camaradas e amigos que vendam bilhetes a pessoas que não recebam *O Amigo do Povo*, pedimos que tomem nota dos endereços dessas pessoas e nol-os enviem quanto antes, afim de lhes ser remetido o periodico.

O Cristianismo

O Cristianismo justifica uma existencia sem honra, inutil, deploravel, do homem sobre a terra, por meio do maravilhoso amor de Deus, que de nenhum modo criou o homem — como erroneamente julgavam os belos gregos — para viver sobre a

terra com uma serena consciencia de si, mas confinou-o aqui em baixo, num carcere repugnante, para lhe preparar, depois da morte, em recompensa de se ter embebido do desprezo de si proprio, uma eternidade rica de ocio e de comodidade. O homem podia, pois, e devia permanecer no mais profundo estado de envilecimento deshumano; não devia exercer nenhuma actividade vital, pois que esta vida maldita representava o imperio do diabo, ou por outra, dos sentidos, e teria trabalhado com todas as suas forças nesta vida em proveito do diabo: é por isso que o desgraçado, que goza os seus dias no melhor modo possivel era condenado depois de morto ás penas eternas do inferno. Do homem não se exigia senão a « Fé », isto é, a declaração da sua miseria e a renuncia a todo esforço individual, para se afastar de tal miseria, de que devia livra-lo sómente a Graça imerecida de Deus.

RICARDO WAGNER

“KULTUR”

Revista anarquista de propaganda revolucionaria

Estamos, apesar de tudo, satisfeitos com a nossa obra. Sentimos imensa satisfação, satisfação que estimula os cerebros que aspiram novas idéas e alimentam os corações que desejam fruir novos sentimentos, por ter encontrado tão bons amigos cujas aspirações sobemos interpretar.

Vamos iniciar, portanto, no proximo mez de Janeiro, a publicação da revista anarquista *Kultur*, confiando que todos aqueles que acharem necessaria e util a nossa obra nos auxiliem moral, intellectual e materialmente. Si nos deixarem sóz, não podemos levar a cabo tão nobre proposito e a revista, que precisamos, tanto como do pão para a boca, deixará de publicar-se. Não será assim, estamos certos, pois, o entusiasmo que despertou o manifesto nestas columnas publicado, entusiasmo manifestado por immensas adesões vindas de todos os cantos, é uma prova positiva do nosso triunfo. Temos muita fé na virtude das nossas doutrinas e na boa vontade dos nossos camaradas.

Não queremos, como ficou patente no manifesto, publicar a revista para viver do que ela produz materialmente, sinão satisfazer uma necessidade intellectual. Não nos move nenhum interesse mercantil, mas, unicamente o desejo de mover energias e reunir afinidades. Os que dedicarem actividade intellectual á revista não usufruirão nenhum proveito material, buscarão tão sómente a bela satisfação de trabalhar pela idéa, pondo a seu serviço, como até hoje têm feito, a sua fé inquebrantavel, os seus entusiasmos varonis e a sua vontade indomavel.

A revista libertaria *Kultur* não tem capitães, só conta, para manutenção, com os recursos que lhe dispensarem os camaradas. Ela, portanto, que não tem outra fonte de receita para sua existencia que não sejam a contribuição voluntaria e a venda avulsa, que nada produz, necessita do apoio daqueles que se acham solidarios com os principios que ela defende e do concurso dos homens que vivem, sentem e pensam.

Pedimos, pela ultima vez, aos camaradas que não devolveram as listas de subscrição a seu cargo, que o façam urgentemente, quer estejam subscritas quer não, visto como precisamos publicar a revista e queremos saber com que elementos devemos contar. Aqueles que, apesar dos nossos rógos successivos, não fizeram o pequeno sacrificio (?) que lhes pediamos, deram nada mais do que uma prova de *indiferentismo criminoso* por uma publicação que merece o apoio de todos os libertarios. Si houver por acaso alguém que, na suas idéas, suas convicções, seu temperamento, não possa ou não queira apoiar a nossa tentativa, rogamos que nos avise em tempo, com o que ficaremos muito agradecidos.

Ficamos, realmente, muito contrariados quando somos obrigados a lançar mão de certos expedientes para peair uma coisa, muito embora não seja para nós, a que cada um dos nossos camaradas devia espontaneamente satisfazer. Não comprehendemos que entre individuos que se dizem anarquistas, condenam a sociedade actual com seus costumes e suas tiranias, desejam o advento dum mundo melhor e são orgulhosos das suas idéas, seja preciso, em se tratando da propaganda desses mesmos principios, pôr em pratica meios que deviam repugnar-nos. Si estamos conformes com uma coisa que se trata de realizar nada mais temos do que apoiar, isto espontaneamente, sem esperarmos, que se nos peça. Deixemos essa pratica impropria de homens livres, sejamos menos desleixados e mais conscientes.

Outro sim: considerando que foi demasiado sufficiente o prazo marcado (60 dias seguramente) para as adesões á nossa iniciativa e mesmo porque temos necessidade de regularisar a sua tiragem, resolvemos não remeter a revista aos individuos que, até o aparecimento do primeiro numero de *Kultur*, não tiverem dirigido comunicação neste sentido. E demais, porque a revista nos vai custar muitos esforços, não estamos dispostos a gastar *polvora em salvas*... a individuos incapazes de... belos gestos.

Temos recolhido até o presente para a publicação da revista *Kultur* a importância de 115\$900 assim discriminada: Lista n. 8 a cargo de Elysis de Carvalho (Rio) 55,000; lista n. 11 a cargo de M. Moscoso (S. Paulo), 12,500; lista n. 12 a cargo de Elvio Nervo (S. Paulo), 3,000; lista n. 32 a cargo de A. Amorim (Rio), 4,000; lista n. 36 a cargo de A. Adamo (Campinas), 5,000; lista n. 64 a cargo de P. Colli (Palmeira), 7,000; lista n. 60 a cargo de A. Fiorini (Belo Horizonte), 5,900; lista n. 65 a cargo de M. Servinho (Guarapuava), 4,000; lista n. 67 a cargo de J. Reina Fernandes (Ipiranga), 9,500; lista n. 69 a cargo de Georges Verschoore (Perto Alegre), 8,000; lista a cargo de A. Fernandes (Piraicababa), 2,000.

Distribuimos seguramente perto de 80 listas de subscrição voluntaria, no entanto, até agora, apenas 12 foram devolvidas. O camarada Carlos Fiaschi, um dos que mais interesse tomaram pela revista, escreve-nos dizendo ter recolhido já 30,000. Tambem Luiz Rocco, de Magé, prometeu contribuir com a importância de 10,000 que nos será remetida depois do dia 15 do corrente. A. Guedes Coutinho diz nos ter conseguido alguns recursos entre os camaradas de Rio Grande. Mas y Pi, um dos nossos redactores, residente em Bagé, assegurou-nos ainda o seu apoio material. Contamos ainda com o auxilio de muitos outros, tanto desta como de outras cidades, que por motivos diversos não puderam ainda remeter suas contribuições.

Cumpre-nos avisar aos camaradas que o retrato de Emilio Zola que tinhamos prometido oferecer ao camarada que primeiro devolvesse, depois do dia 18 de novembro, a lista de subscrição a seu cargo, coube a Luiz Rocco, residente em Magé, que já está de posse d'elle.

Não terminaremos este escrito sem enviar os nossos agradecimentos a todos aquelles que, moral, intellectual e moralmente, apoiaram á nossa iniciativa.

Rio, 14, dezembro, 1903.

Os redactores de *Kultur*.

Toda correspondencia deve ser dirigida a Elysis de Carvalho, Riachuelo, 204, Rio.

A remessa de dinheiro deve ser feita pelo correio em vale postal ou em carta registrada com valor declarado.

A anarquia é o futuro da humanidade.

Blanqui.

Escandalo principesco

Tanto se falou no mês passado, nas columnas da imprensa burguesa de todo o mundo, da fuga da princesa Alice com seu amante, que estávamos quasi decididos a dizer duas palavras sobre o assunto, para mostrar o modo diverso que os periodistas têm de apreciar os factos, segundo se trata duma princesa que foge com um cocheiro ou dum principe que seduz uma filha do povo, — quando encontramos, num periodico local, um *suelto*, que foi neste caso uma excepção.

Reproduzimo-lo, porque nos parece que, embora debilmente, põi o dedo na chaga: «Um telegrama de Londres nos dá a noticia de que a princesa Alice, filha de d. Carlos, desapareceu no dia 9 do corrente. Ao que parece, fugiu com um cocheiro.

Já é difficil que uma princesa nos cause, em questões desta ordem, qualquer surpresa. Depois do caso celebre da fuga da princesa Chimay, que se deixou levar pelo violinista cigano Rigo e cujo retrato, em poses plasticas de quasi absoluta nudez, anda aos milhares pelo mundo inteiro, depois da fuga recente da princesa de Saxe com o seu professor de francês, esta agora continúa uma longa série...

Afinal, essas raparigas, forçadas a uma rigorosa etiqueta social, não podendo escolher livremente o marido que desejariam, são em grande parte desculpaveis, quando chegam a uma reacção excessiva e brutal.

Em regra os homens da sua categoria imediatamente inferior, burgueses respeitadores das conveniências, sabem perfeitamente que não devem levantar os olhos cubitos para rainhas e princesas. Sentem de antemão que seria uma loucura e nem se atrevem a tentar-lhes a conquista que, às vezes, seria talvez bem fácil. Por sua vez as princesas sabem ainda melhor que o menor favor concedido a indivíduos de certa roda seria logo por ele proclamado indiscretamente. Além da natural vaidade de homem, o seductor teria o orgulho e o desejo de humilhar os da sua classe, mostrando quanto conseguira.

Com um criado, com um cocheiro, com um ser socialmente muito inferior, as princesas devem sentir que não têm tanto a perder. Eles, por sua vez, nem mediram bem todo o valor da sua boa fortuna, nem deixarão de ter o receio salutar de qualquer desfecho terrível, se divulgarem as suas aventuras.

Assim, do alto dos seus tronos elas verão apenas esses indivíduos, menos como seres humanos, do que como simples representantes do sexo masculino... Julgar-se-ão mais seguras, podendo a qualquer tempo despedir esses amantes incapazes de levantar qualquer reclamação. Mas, às vezes, nesse jogo arriscado vão mais longe do que supunham e o que fora apenas uma fantasia, destinada a durar pouco e passar despercebida, acaba numa paixão real, num grande e estrepitoso escândalo.

D. Carlos, cujo nome completo é Carlos Maria de los Dolores João Isidoro José Francisco Quirino Antonio Miguel Gabriel Rafael, teve cinco filhos, dos quaes um homem e quatro mulheres. A princesa Alice é precisamente a mais moça: tem apenas 27 annos.

Depois de lermos este *suelto*, encontramos outro, que dá uma clara ideia do cretinismo do pai da princesa Alice, o qual considera sua filha morta porque se uniu livremente com um homem, sem atender aos estúpidos convencionalismos sociais e obedecendo simplesmente aos impulsos do seu coração jovem e triunfante:

«Dom Carlos de Bourbon, pretendente ao trono de Espanha, comunicou ás casas reinantes a morte da princesa Alice, sua filha, casada com o príncipe Wuttemberg.

A princesa não morreu, entretanto, e, segundo se diz, está em San Remo, no hotel Internacional, com o seu amante, um cocheiro italiano.

Dom Carlos considera-a morta.»

Hecatombe dos Espectros

A JUAN MAS Y PI

Eis aqui minha aurora — minha jornada começa!
Levanta-te, pois, levanta-te, ó grande meio-dia...
F. NIETZSCHE-ZARATUS LRR.

4.
Ouve a Natureza a amamentar os filhos...

J. BARREIRA.

Demetrios parado no meio do caminho, numa attitude contemplativa, extasiado, lançou o olhar pelos campos bastante floridos, estendidos numa florescente planura como um imenso lençol verde sem dobra, sob a umbrela de um céu lindamente azul, vendo toda aquella possante abundancia vegetal uma multiplicação fantastica de frútas e de flores, derramando hinos fecundos sobre a primavera da Vida, evocadoramente, num belo gesto ritmico de semeador, disse assim:

«Atenta agora sobre o grande contraste, a ironia cruelissima, o estúpido sarcasmo que se vos descortina ante os olhos, rindo, rindo escarninhamente da *umanida* que se degenerou até ficar em contradição com a Vida em lugar de ser a eterna afirmação e a eterna glorificação da Vida.

A Terra, mãe fecunda e criadora, «generosa mãe que nos alimenta e se alimenta de nós, que no dia do ajuste de contas reclamará para o seu ventre aquella carne que ella fez engordar e aquelle sangue que ella fez mais rubro», chão prenhe de fermentos, exalando acres cheiros resinócos, repleta de douradas menses de trigo brilhando ao sol e uberrimos pomares carregados de frescas frútas, numa ostentação vigorosa de vitalidade, numa opulencia de seiva, como um grande *phallus* espumando quente Falerno, num ulular amoroso de leão, rebenta-se aos impetos do viço, palpita com todas as fibras da sua estrutura organica.

A jovial Primavera, regendo a grande orquestração de perfumes, coloridos e sons, em pleno dilúvio de rica verdura, sorrindo ao sol, aos homens e ás coisas, maravilhosamente, surge como sob a magia de uma transfiguração imensa na alegria de luz em toda a panteistica magnificencia de sua vegetação luxuriosa, parecendo uma colossal orgia pagã.

O sol, o dispensador de forças e de ener-

gias, o criador supremo, engastado na cúpula do céu, estalando em pompas de gloria, numa orgia fantastica, a vibrar uma gargalhada estrepitosa de pudentissima ironia, arremessa, em claros feixes policromos, beijos do calor e luz intensa.

A natureza, com toda esta superabundancia de verdura e com todo este extravasamento de seiva, lembra um carnaval primevo, uma bacanal antiga, uma kermesse colossal, onde se ouviu o «korus dithurambos» dos satiros, das naiades e dos aegipanos, o riso luxurioso dos faunos e das bacantes, a algazarra dos efebos bebados de luxuria, o ritmo dos *paens* homericos, entoados em honra de Dionisios, o deus da Vida luxuriante, do Delirio sagrado e do Gózo fecundo.

E todo este hino triunfal da universal criação é simplesmente uma ironia cruelissima da Vida, da Vida extravasada, escancarada como um gnúla de monstro, que assiste impavida á batraquiomaquia dantesca do viver humano, á tragedia da Natureza trucidando a *sub* humanidade que, lá em baixo, na necropole do velho mundo, se desespera inutilmente como sobre um verdadeiro leito de Procusta...

5.

A humanidade degenerou até ficar em contradição com a Vida.

Os dois amigos tinham chegado á margem esquerda do lago. As palavras graves de Demetrios, como luzidias laminas impavidas que traçam discos de ironia e de amargura, impressionaram profundamente o manco, deixando na sua alma um grande espanto. Marcelos mostrava-se acobardado como sob o peso de uma impressão desoladora e clamorosa. E Demetrios, encarando com persistencia a figura raquitica e esquelada do seu companheiro, cuja figura revelava todos os estigmas da decadencia e da miseria humana, estampadas naquella incoerente forma indefinível, lentamente, traçando nos ares um grande circulo, com o index estendido, com gesto profetico e voz pausada, falou assim:

«Na verdade, vos digo, a Natureza, amante assassina e incestuosa, «meretiz que não reserva ao menos, para o final da festa a desillusão, que antes de findar a orgia se descobre para ostentar satanicamente suas ulceras e ri dos adoradores», exige a destruição fisica desta falsa humanidade em favor do novo mundo que vai nascer deslumbrante para ser o reino de uma especie melhor, mais nobre e mais pura.

Esta velha *humanitas* a especie *subhumana*, que tem todo o seu organismo corrompido por uma serie de vícios milenarios e deformados por uma multidão de males hereditarios, produto do incesto, do crime e do vicio, é uma arte de poluição, uma masturbação, uma aglomeração de todos os instintos morbidos, vontade de aniquilamento, um acervo de contradições, um principio de dissolução e um instinto de negação, uma ignominia, uma perversão sistemática, uma grande mentira, o *nec plus-ultra* da perversão interior, negação de toda realidade, um odio contra os instintos vitais e os mais poderosos e os mais fecundos, o *maximum* da corrupção e o *ultimatum* da degenerescença, um *não* a tudo o que significa saúde, uma repulsão instintiva a tudo o que é grandeza e poder, um esgarceo contra a natureza.

A sua moral, toda a sua existencia, é um atentado contra a Natureza, um anatema á Vida e uma guerra de morte contra a saúde; porque ella tomou partido por tudo o que é falso, baixo e mesquinho, corrompeu todos os valores naturais, inventou uma ciencia contra a saúde, nutre um odio plebeu pelos homens superiores, afirmativos, exuberantes e poderosos, perverteu todos os nobres sentimentos, engrandeceu o instinto de piedade e enalteceu o sentimento de abnegação de si proprio, escolheu tudo o que era mais vil, ignobil, perversão, doença no mundo para constituir o seu ideal que é um rancor de doentes, um odio de *chândala* contra a saúde, a beleza e a nobreza, contra a Vida, ideal que é o *in hoc signo vinces* de decadencia vitoriosa.

Ora, a Vida é luta, transformação continua, intensidade, extensão, ascendencia, criação, construção, origem, fundamento, força, desdobração de forças, successão de forças, gravitação sobre si mesmo, agressão, apropriação de forças, exuberancia de seiva principio, crueldade, dureza, intransigencia, e *por extensão*, vontade de poder, instinto de dominio, sentimento de grandeza, tendencia para a nobreza criadora e exaltação até a suprema beleza, e em suas modalidades superiores, sentimento, sensibilidade, intelligencia, consciencia, pensamento, genialidade.

A Natureza, portanto, sér com instintos de Medéa, vingando-se, condenando, aniquilando o genero humano, este montão de miseravel carne, uma massa caótica, amorta, inerte, inanida, senil, ignobil, sem vibrações

e sem energias, que cometeu o maximo sacrilegio de transformar o mundo num lupanar, prostituindo a Força e a Verdade, corrompendo a Vida.

A humanidade, no seu actual estado psiquico, é um ser desviado do tipo primitivo são e normal, um ser a pedir eliminação rapida e decisiva, massacre immediato. Ella deve ser aniquilada porque é ainda um obstaculo á floração do grande tronco, abrevia a extinção da aristocracia dos *eugenicos*, é um perigo para a saúde dos raros homens superiores, difficulta a obra dos hiperbores e dos criadores de valores, precisa desaparecer da face da terra para a dignificação da nova Humanidade, que constituirá a prohumanidade então.

E' em vão tentar qualquer meio de regeneração porque ella tem a sua intima estrutura psiquica inteiramente corrompida. A questão não é mais de regenerar, purificar, queimar as ulceras que a devoraram e amputar os membros gangrenados, porque um organismo corroido fisicamente e moralmente corrompido, não se cura, elimina-se: é observação banal em terapeutica, que um canero só se mata extirpando o radicalmente.

Este mundo, pois, *monde à rebours*, onde vegeta um organismo humano, fisico e moralmente doente, pela serpe da dor e açoitado crucientemente pelo vicio, desaparecerá *tuto, cito et jucunde* devorado pelo voraz das transformações, como o mais inutil verme.

A partir desse dia, que será o ultimo dia de vilipendio da planta humana continuaamente arrastada na

...bufeira infernal, che mai non resta, começará a aurora da nova especie composta de homens totaes, homens artistas e poetas, homens criadores de valores, homens superabundantes de força e de ação, homens focos de vida, homens senhores das forças da natureza e senhores dos seus instintos são, homens que amam o abismo o mais profundo e o cume o mais alto, o perigo que revolta o sangue e a rebeldia purificadora, homens que têm as suas proprias festas, os seus dias de trabalho e os seus dias de luto, homens intrepidos, audazes e cruéis, servindo ao mundo, sorrindo á alegria e á dor, belos, sempre mais belos, vivendo em beleza e morrendo em beleza, criando o heroismo e ensinando o heroismo, e poderosamente conscientes, homens que inventam seu bem e seu mal, criam sua vida e sua verdade, homens dionisicos, homens hiperboreos, homens absolutos, que constituirão a humanidade superhumana.

Essa nova especie que virá repovoar a terra, tornando-a digna de ser vivida, assentará immediatamente as bases da grande transmutação de todos os valores moraes falsos, *humanos*, dando vitoria, com todos os instintos e com todos os sentimentos, com toda a nobreza e com todo o genio, aos valores contrarios, aos valores nobres, *superhumanos*, que serão a afirmação triunfante da Vida, da Vida intensiva, fecunda e ascendente, da Vida extravasada e propagada, da Vida Total, creadora das coisas supremas e das coisas profundas, acima da corrupção e da morte.

E isto conduz a um futuro estado superior de poder e de felicidade, a uma nova ordem social em que cada individuo possa realizar livremente, em toda a plenitude das suas forças organicas, o seu direito imprescritivel á evolução da Vida com todas as suas manifestações fisicas, intellectuales, afectivas e superorganicas, a uma *euforia* que constitue o paroxismo do ser sentindo-se a si proprio, que é bastantissimo, que é seu proprio deus e seu proprio senhor, unico possuidor e unico possuido, gozo e alegria de si proprio, senhor do seu poder e da sua força, a uma AUTARQUIA.

ELISIO DE CARVALHO

Discursos de Demetrios.

(Conclue no proximo numero.)

Pobre povo brasileiro

Amarga os animos menos dados ao pessimismo o espectáculo que oferece o povo brasileiro, vegetando na ignorancia, pugnando trabalhosamente por emancipar-se do peso de um Estado que assia todas as energias individuais entregue ao saia de uma burguesia que fia da eventualidade, da usura, das sinecuras, o problema da vida, amarrado ferreamente por milhares de associações monecas que, protegidas indirectamente pelo poder executivo, e descaradamente pela burguesia, são as verdadeiras donas do Brasil. O povo brasileiro abatido e desprestigiado como está pelas causas que acima expomos, não lhe convem outro caminho senão a rebeldia, ou então a morte representada pelos enormes tributos, que se empregam não em obras publicas, mas sim na folgança de aventureiros, tipos que lançam mãos famintas ao trabalho dos novos escravos, fazendo neste extenuado corpo social uma sangria permanente. Como sair deste atoleiro? Se o povo se submete ao

officio de provedor gratuito chicoteado pela Feadocracia, pelos sugadores, pelo parasitismo dessa chusma que se chama a si propria: *classe directora*. A nação desaparecerá debaixo do peso de seus credores, que a iuvadirão, e a repartirão tranquilamente como por exemplo aconteceu á Polonia, quasi com regozijo do pobre e impotente povo brasileiro já tão castigado que trabalha e sofre e que se por isso se revolta e indigna—ai tem a policia com facultades omnimodas para fazer fogo—sobre os indefesos.

Onde está a resolução do problema, e a independencia do espirito brasileiro? Nós outros não a vemos. Só vemos a revolução e para que esta triunfe necessitam-se vontades, caracteres mais fortes, fisica e moralmente, que os que possuem as colectividades brasileiras, produto de uma nação debilitada pelos que vivem sem trabalhar e sem produzir, que são muitissimos no Brasil, e sumidos em a preocupação muito mais cruel que a ignorancia pelos que da preocupação e fanatismo vivem.

Só o esforço individual, a acção individual do obreiro intelectualizado, consciente, rapida e forte, e fazendo dos problemas nacionaes, problemas internacionaes e humanos, pode acabar com os parasitas que corrompem e debilitam quasi até ao grau da morte o corpo do povo brasileiro.

Riburgo—Setembro 1903.

SALVADOR SAPATEIRO

Palestra

Rio, 26—XI—MCMIII.

A leitura da carta publicada nesse jornal com a epigrafe acima sugeriu-nos algumas considerações que registamos nas seguintes linhas cuja publicação vos solicitamos, certos de que não a recusareis.

Diz o autor da aludida carta que só a enunciação do vocabulo «anarquia» inspira pavor. A quem? perguntamos por nossa vez. Aos oprimidos, aos que sofrem, aos parias da sociedade?

Nada ha de pavoroso neste vocabulo quer quanto á sua parte filologica, quer quanto ao ideal que concretiza.

«Anarquia» é uma palavra grega que, como todos já o sabem, significa *sem governo*. Seu ideal é o mais belo, o mais sublime que pôde existir. E do mesmo modo que significa ausencia de governo que será dizer para toda a gente: ordem natural, harmonia dos interesses e necessidades de todos, liberdade completa na completa solidariedade.

Por que motivo, pois, esse pavor?

Uma sociedade de homens livres, amigos e felizes será uma tão pavorosa perspectiva?

A «Anarquia» causa pavor, é certo, mas aos tiranos que tremem á ideia de que lhes escapem as redeas do governo o olatego da escravidão. São elles que por interesse proprio procuram persuadir aos ingenuos que a significação da palavra «anarquia» é desordem, confusão, assassinatos e todo um cortejo de horrores.

Nós porem não vemos ahi cousa alguma que faça arrepiar os cabelos nem gelar de medo. Pelo contrario seu ideal eleva, encantante e arrebatante.

Causam-vos horror os nomes de Ravachol, Etievant, Caserio Santo, etc., e não quereis *exposar os odios e os rancores que fizeram dessa nova escola o espantallo dos espiritos timoratos e o duende dos governos?*

Não deveis ignorar, entretanto, que tudo o que tende á liberdade dos povos tem sido o duende dos governos. O proprio cristianismo, hoje seu aliado, não foi o duende do governo romano? A revolução francesa não foi o duende dos governos da Europa? E' pois muito natural e nenhuma extranheza nos produz que a «Anarquia», que fará a felicidade do proletariado, seja o duende dos governos.

Quanto a ser o *espantallo dos espiritos timoratos* é porque esses espiritos, afeitos ás trevas da ignorancia, habituaram-se de tal modo ao servilismo que a propria liberdade toma aos seus olhos a apparencia de um espantallo.

A «Anarquia» não nos impõe a consumação de assassinnatos, explosões de dinamite, etc.

Se Leão Czolgosz, Caserio Santo, Angiolilo, Bresci e outros levados pelo seu immenso amor á humanidade, exaltados pelo sofrimentos e pelas injustiças sociais, julgaram concorrer para a felicidade de seus semelhantes eliminando uns tiranos da face da terra: se eles erraram, se seus atentados causam horror ás almas *sensíveis*; devemos nos lembrar ao menos que, cheios de no-

visto os carroceiros não terem ainda chegado a um acôrdo com os patrões.»

Como! não tínhamos ficado em que a missão do soldado era defender o «sacro-santo altar da patria»?! O soldado servidor do patriotismo resulta um servidor vulgar do mercantilismo burguês.

Já sabes, povo: quando te disserem que deves defender a patria, querem significar que deves defender teus amos, matando e substituindo teus irmãos, os trabalhadores.

MAIS ATROPELOS.—«Madrid. Realizaram-se ontem novas manifestações tumultuosas em Valladolid, entre operarios das fabricas ali existentes.

Os operarios acham-se sem trabalho. A guarda municipal e cavalaria comparecendo procuraram chamar á ordem os amotinados, nada conseguindo, carregaram sobre os operarios, havendo muitos feridos e numerosas prisões.»

E' sabido: quando se declaram em greve os trabalhadores, o governo nem sequer se dá ao incômodo de averiguar a parte da razão que lhes assiste. Nos conflitos do trabalho, os unicos economistas officiaes que intervêm são os soldados, sempre encarregados de resolver as greves.

Tomem nota do facto os operarios e vão tirando as consequências.

GREVE PROVAVEL.—«Paris. O syndicato de padeiros do Sena decidiu que os membros desta associação se declarem em greve antes do dia 31.

Afirma-se que esta attitude será o preludio de uma greve geral dos trabalhadores das industrias alimenticias em toda a França.

O governo tomará medidas afim de impedir que haja alteração na ordem publica. Muito simpática a iniciativa dos padeiros de Paris. Se o conflito toma as proporções anunciadas temos em perspectiva uma greve que dará muito que fazer ao governo e á burguesia de França.

ROUBANDO VOTOS.—«Jundiahy. Protesto contra o conto do vigario quem se passou o deputado Eloy Chaves na occasião da votação.

Depois de contar uma historia muito comprida ficou com a minha cedula, substituindo-a por outra.

Como eu, outros incautos foram victimas do mesmo conto.

E viva a Republica!—«Benedict Antonio.» Que honra para a familia! os senhores pais da patria convertidos em vulgares empalmadores!

Este senhor deputado dirá depois no recinto da câmara que foi eleito pela vontade popular.

A politica parlamentar é um ruim trafico de consciencias, no qual triumpham sempre os menos escrupulosos. Abstenham-se os eleitores da comédia, não delegando ninguém para mandar e agir em nome dos outros.

OH! O MILITARISMO.—«Berlim 12. O official subalterno do exercito Hoffmann, accusado por 693 crimes do atentado ao pudor, confessou as suas faltas, sendo condemnado a despir a farda e a dous annos de prisão.»

A disciplina militar educando os homens nessa ociosidade odiosa dos quartéis cria este e mil outros delictos ignorados.

GREVES IMPORTANTES.—«Buenos-Aires. 23.—A greve dos trabalhadores e dos estivadores do porto desta cidade vai estendendo-se tambem ás outras classes operarias. Calcula-se que os operarios actualmente em greve excedam 50 mil. A cidade mudou totalmente de aspecto e parece em completo estado de sitio. O serviço ferroviario está inteiramente paralisado.»

A' ultima hora lemos mais estes telegramas:

«Paris.—Os padeiros reunidos hoje na Bolsa do Trabalho proclamaram a greve geral dos empregados das casas de comestiveis. A população está impressionada, temendo-se graves desordens.»

«Comunicam de Marselha que os padeiros dali, reunidos hoje em assembleia extraordinaria deliberaram a sua solidariedade com os companheiros de Paris. A agitação vai tomando proporções vastissimas.»

GENEROSIDADE REGIA.—O rei de Italia, depois da forte pressão da opinião publica, ordenou pessoalmente a supressão da camisa de forças nas prisões.

Foi uma generosidade... forçada; mas aos olhos dos imbecis e dos feticistas ainda vai passar por benemerito.....

Se divergem os meios de chegar ao poder, a maneira de governar é sempre quasi a mesma.

La Botie.

Do inferno dos pobres é feito o paraíso dos ricos.

Victor Hugo.

Movimento Libertario

Na reunião que foi convocada para a rua do Marechal Deodoro, 40, no passado dia 20, ficou assente que o dinheiro ainda em depósito, resto do que foi empregado na aquisição de material tipografico, se destinaria á publicação dum livro de propaganda anarquista e de alguns folhetos (os que a quantia permitir) em lingua portuguesa.

Todos os sábados, desde as 7 da noite, no local do Centro de Ensino Mutuo, rua de Bento Pires, 19, serão lidas as obras apresentadas pelos companheiros como dignas de serem editadas.

Como a escolha do livro demanda tempo, irão sendo publicados entretanto alguns opusculos. Que os nossos amigos se preparem para a maior difusão possivel das publicações intentadas. Brevemente diremos qual será a primeira.

O Centro de Estudos Sociais e Ensino Mutuo com sede na rua de Bento Pires, 19, da iniciativa, como já dissemos, do grupo editor de «O Amigo do Povo», começou a funcionar regularmente no dia 22 do corrente, organizando o programa seguinte:

Lições — terças e quintas-feiras ás 7 da noite, precisas; domingos, ás 3 da tarde, em ponto.

Palestras de sociologia — sábados, ás 7 da noite.

Leitura — nos dias restantes, desde as 7 da noite.

Pede-se a maior pontualidade possivel a quem desejar seguir as lições, afim de se evitarem interrupções no seu seguimento.

Da Propaganda

O companheiro Ucano indicou no passado numero de «O Amigo do Povo» um modo de fazer propaganda, ou melhor, um modo de achar occasiões para distribuir folhetos e periodicos, e eu a proposito vou lembrar alguns processos na Europa praticados e discutidos, cujo valor é desnecessario fazer sobresair, pois que salta aos olhos de todos.

Começo por me referir á propaganda pelo cartaz, que constituiu mesmo o assunto dum relatório ao Congresso Anti-parlamentar, amavelmente prohibido em 1900 pelo governo republicano-socialista de França.

O cartaz pode servir para fazer directamente propaganda; tratando um assunto de actualidade, em grossos caracteres, dum modo resumido mas claro, seria de grande alcance. O camarada Demont, autor do relatório citado, falando da maneira habil de fixar os cartazes afim de não serem logo rasgados, diz:

«Para o provar, eu citaria dois logares em Marselha onde estão ainda colados dois cartazes em que anarquistas convidam os trabalhadores a não votarem. Data isso das ultimas eleições legislativas. De tempos a tempos, v'jo algumas pessoas que os lêem.»

Mas estes cartazes, bem como os artisticos, ainda melhores, cito-os apenas... com um suspiro, porque me parece que já teno muitas iniciativas entre mãos...

Ha ainda o pequeno cartaz anunciador, aconselhando a leitura deste ou daquele jornal, folheto ou livro: isto já seria mais facil, muito mais ao nosso alcance.

Mas verdadeiramente facéis, sem dispendio de tempo nem de dinheiro, ou com gasto insignificante, são os processos que passo a apontar e que são lembrados constantemente, sobretudo pelos nossos amigos franceses.

Depois de terdes lido um periodico anarquista, que lhe fazeis camaradas? Se o guardais, bem está; uma publicação dessa natureza é sempre de actualidade, porque não vem cheia de anuncios e noticias ócas... Mas se o destruis, fazeis mal, porque ha mil maneiras de o empregar utilmente. Se não tendes um amigo, um companheiro de trabalho, uma pessoa qualquer a quem o rassar, se tendes receio de vos... comprometer ou de ver recusado o vosso offercimento, o correio ai está: a despesa é minima (um selo de 10 reis basta). Quem recebe um jornal pelo correio, sobretudo se ha claros indícios de que não é enviado pela redacção, difficilmente deixará de o ler. O preconceito de fingir diante dos outros que não se quer saber disso, desaparece, porque se está a sós... Psicologia barata...

E quando tiverdes um pacote qualquer a enviar, uma coisa em que seja necessario o papel de embrulho — salvo o d'vido respeito... — empregai o jornal de propaganda. Pode ser que caia debaixo de olhos atentos e curiosos.

Mas ha mais. Mesmo sendo misantropos, deveis frequentar ou visitar de vez em quando, logares concorridos, embora a horas diversas: jardins, carros, teatros, mercados, cafés (apresso-me a explicar ao companheiro Ucano que se pode, uma vez ou outra, entrar num café, para beber drogas mais ou

menos inofensivas e ás vezes até para não beber nada...) Pois bem: eachei os bolsos do jornal, e opusculos e, se vos interessa a propaganda, deixai-os sobre os bancos, cadeiras, por todos os cantos frequentados. Eu já assim tenho feito, e com resultado, segundo observo de longe: é uma especie de jogo, de divertimento o observar o aspecto dos que que fazem o achado. Burguês? operário? velho? moço? uma criança? uma mulher? Apetece gritar como no conhecido brinquedo infantil: quente, quente, muito quente... renovando-se as sensações e os sobresaltos de outros tempos... Experimentai.

Jean Grave já uma vez lembrou fazer, com jornais, embrulhos graciosos em papel de cor e com lindas fitas, para deixar, nos logares publicos. Quem acha um deles, desembrulha-o e vendo um simples jornal, pensa naturalmente: — Caramba! um jornal tão amorosamente atado deve ser coisa interessante. Leiamos!

A semente é lançada ao acaso, mas não pode ser doutro modo; alguma cairá em bom terreno, como na parábola do semeador...

E si tendes, meus amigos, o que posso hoje dizer a tal respeito. Parecem puerilidades; e no entanto são coisas bem importantes.

Saúde e alegria Z.

O companheiro Pausilippo da Fonseca enviava-nos seguinte a declaração:

«Dinheiro recebido até hoje para A Greve nenhum ha de que ainda não tenhamos prestado contas: salvo um vale que veio da cidade do Rio Grande, outro de Porto Alegre e outro de Sorocaba, cuja importancia acha-se nas mãos do companheiro Palacios para auxiliar a liquidação do enorme deficit de que o jornal nos deixou sobrecarregados.»

La Nuova Gente

Recebemos e publicamos: «Em frente do indifferentismo com que foi acolhida La Nuova Gente e da falta de apoio material da parte da maioria das camaradas de lingua italiana de S. Paulo, decidimos suspender a publicação desse periodico, desejando que outros sejam mais bem succedidos numa tentativa semelhante.

«Agradecendo a todos quantos nos auxiliaram e nos manifestaram simpatia, bem como aos colegas que conosco estabeleceram permuta, terminamos declarando que todos os nossos esforços os empregaremos no sentido de contribuir para o maior desenvolvimento da nossa imprensa e de qualquer obra de propaganda e incitando os camaradas a fazerem outro tanto.

«No próximo numero de «O Amigo do Povo» apresentaremos a lista do dinheiro recebido e daquele que queiram ainda mandarnos para cobrir as despesas do n. 2 do malogrado periodico.

A redacção e administração de «La Nuova Gente.»

Pequenas notas

Recebemos: — «Alba dei liberi, romance de propaganda anarquista, por Antonio Palmarini. Biblioteca do jornal «Intransigente» de Lecce (Italia).

O autor faz uma boa critica de varias «sacras instituições» burguesas, especialmente da organização — ou desorganização — da familia. Recomendamos calorosamente a leitura deste livro, cheio de idéias e de sinceridade, a quem comprehenda a bela lingua italiana em que elle está escrito.

Podemos encarregar-nos de comunicar ao autor os pedidos que nos forem dirigidos, acompanhados da respectiva importancia: L. 1,50 cada exemplar.

— Il Pensiero, revista quinzenal, de sociologia, arte e litteratura, redigida por Pietro Gori e Luigi Fabbri. O seu n. 9 (25 de novembro) traz o seguinte sumario:

Pietro Kropotkin: Nel mondo operaio — Alcide De Angelis: La voce del male, La piccola Fioraia, Un regicida (sonetti) — Pietro Quillard: Hispania docet — Antonio Agresti: Per un libro di antroposociologia — Giulio De Renzi: Veglia di studio (novella) — Enrico Ibsen: In alto (traduzione del norvegese di Mary von Verno e Renato Manzini) — Luciano Descaves: Il vecchio rivoluzionario raccontò — Cattina: Rivista delle Riviste.

Endereço: Casella postale 142, Roma. Assinatura: por ano, L. 7; por semestre, L. 3,50.

— Boletín de la Escuela Moderna, revista de ensino científico e racional. O n. 3 está cheio de bons instructivos artigos sobre hygiene, educação, religião, etc.

Endereço: Bailén, 56, Barcelona (Espanha). Assinatura, 2,50 pesetas por ano.

— L'Education Intégrale, revista mensal com suple-

mentos occasionais, fundada em 1890 por Paulo Robin. O n. 2 da sétima série (15 de novembro) publica o seguinte sumario:

Paul Robin: Les Sciences, Jeux des Verbes, Nos Jeux, Livres scolaires, Presse immonde, Communication, Premier précepte: Laissez-les tranquilles. — Urbain Gobier: Opinions. — G. H.: Bras croisés. — Bibliographie. — Glanes pédagogiques. — Remerciements.

Endereço: 5, Passage du Surmelin, Paris XX. Assinatura anual: 2 fr. 50 (União postal). Pode tambem assinar-se na redacção de «O Amigo do Povo», por 2\$500 anuais (se houver algum resto, será para o nosso periodico).

— A Lanterna, diario da noite, anti-clerical independente, desta cidade. Começou a publicar-se diariamente no dia 15 do corrente. Traz uma secção italiana, sob o titulo Sempre Avanti!

Endereço postal: Caixa do correio 256. Redacção rua da Quitanda, 2.

Assinatura, com direito ao Livro Pensador, suplemento dominical: ano, 24\$; semestre, 13\$; trimestre, 7\$; mês, 3\$. Com direito a L'Asino, de Roma: ano, 30\$; semestre, 18\$; trimestre, 10\$; mês, 4\$.

— Relatório da Sociedade União Operaria do Rio Grande, apresentado á assembleia geral de 15 de novembro de 1903 pelo presidente da directoria Carlos Schmidt Junior.

Brevemente chegará a esta redacção uma remessa do importante Almanaque de la Revista Blanca para 1904. Preço para todo o Brasil, franco de porte: 500 reis o exemplar. Todos os pedidos devem ser acompanhados da sua importancia.

O preço de assinatura de Tierra y Libertad, diario anarquista de Madrid, é de 4\$500 por trimestre, pagamento antecipado.

Tierra y Libertad publica um numero ilustrado todas as sextas-feiras; quem desejar assinar somente este numero, pode fazê-lo mediante 1\$500 trimestrais.

Nesta administração podem adquirir-se tambem, a preço voluntario, Il Grido della Folla, de Milão, e o Despertar, do Porto.

Subscrição para a edição de folhetos da nossa biblioteca:

Saldo do folheto «Anarquia e Comunismo», 6\$500; Nilo, 400; vendidos por M. 400. De Palmeira (Paraná): Colli, 1\$, Arturi, 500; Agotani, 500; Sesiro, 500-Aldino, 500. De Porto Alegre: grupo «Homens Livres», 5\$000. Total, 15\$300.

Subscrição voluntaria para O AMIGO DO POVO

Grupo «Homens Livres» — Porto Alegre 10,000
Lista de Zaragoza: P. Camps, 1\$; Osv., 1\$; M. D. G., 1\$; Gino, 1\$; Roobert, 1\$; Zaragoza, 500

Enviado por J. Garcia (Santos): 2\$; P. Lorenzo, 2\$; J. Gomes, 2\$; R. Fronteira, 2\$; José Gomes, 500

De Magnacavallo: Angilo, 500; Pauguta, 500; Buffo, 200; Raffael, 500; François, 500

J. de Oliveira — Rio Bartoli, 1\$; Battini, 500; Boni, 500

Enviado por M. Servinho de Guarapuava (Paraná): P. Lopes, 2\$; Casimiro Ploski, 2\$; Barbeiro, 500; Servinho, 1\$; Guilherme Marceneiro, 500; P. Provisório, 500, Um operário 1\$

Enviado por B. Escano (Sorocaba): V. de Coria, 500; A. de Coria, 500; B. Dias, 500; J. Portigo, 500; R. J. Almeida, 500; B. Colombini, 500; D. A. da Silva, 500; G. Golfarelli, 500; M. Casciolo, 500; C. Panigi, 500; André Fendi, 500; F. Albano, 500; J. Vergara, 1\$; J. Botelho, 1\$

A. Delgado, 500; Bersallera, 500; J. F. Araujo, 500; J. B. Sillicio, 500; D. Agostino, 500; M. Malobé, 1\$; B. Escano 1 mil reis;

De Osvaldo. Osv., 2\$; Zaragoza, 2\$; Attilio, 1\$ P. Camps., 1,500; Michele C. 500; Elvio, 500; C. Dondi, 1\$; Gino 1\$;

De Flandoli: Roobert, 1,500; Basso in do, 1\$; Nanieri, 1\$; Flandoli, 2\$;

Grupo «Salvochea»:

J. W.

Enviado por Mattioli, (Porto Alegre): Mattioli, 2\$; C. de Rose, 1; R. Caliondi, 1; G. Nasi, 2; N. Pinotti, 1; Adão Mikalski, 1; J. Rey Gil, 1; Colhido B. Fiaschi e J. Nasi 13,000; P. Mayer 2; N. Bianchi, 1; A. Naleninski, 1

De Elvio: Orfeo, 500; E. D. 3,000;

De M. Sonetti, 2\$; Soderi, 500; E. Artacho, 1; Pedro O., 1; Curtidor, 1; Morales, 1; Gallo, 900; Venci, 500; Magrassi, 1; Marengo, 100; Zegato, 200; Angeli, 1; Zé Babequista, II, 5; T. Soares, 1; A. Romeo, 500; Nilo, 1; Fernandes, 1; A. Rava, 1; P. C. 400; Serafim, 400; Marrero, 500; J. M. 200; S. M. 500; Sorelli, 600; Negrassi, 600; Romero, 500; Gierrero 1; G. de Carvalho, 8; Curtidor, 1; Puerta, 500; J. Sanchez, 500; Victorio, 1; R. 500; N. N. 500; J. Sélles, 2,500; X. 300

Varios galegos, 3; Miranda, 500

Um camarada — Rio, ;

Um erro no n. 37 (1);

Total 152\$000

SAIDAS (n. 40 e 41)
Tipografia 140,000
Correio 12,000
Deficit do n. 39 63,000

Total 215,000
Entradas 152,000

Deficit 63,000.

(1) Nesse numero falta, ao lado d'uma lista a sua soma.